Visita XXXI

> **Epígrafe.** «Christo padeceo tambem por nós, deixando-vos exemplo» (1 Pd 2, 21)

Por seu exemplo, o Menino de Belém nos ensina o que nos dirá mais tarde por suas palavras: Fui o primeiro a andar na carreira do sofrimento, para que me sigais. Quem não leva a sua cruz todos os dias não pode ser meu discípulo.[1] Como se vê, não é um simples conselho, é um mandamento absoluto. Levar a sua cruz, ou não ser discípulo do divino Mestre: não há meio-termo.

Notemos cada uma dessas adoráveis palavras. O Salvador diz levar a cruz e não arrastá-la; diz cada dia, porque cada dia tem a sua cruz; é o que ele mesmo chama noutro lugar a malícia ou o mal de cada dia, *malitia diei*. Aqui, como em todo o resto, o Menino de Belém cumpre os preceitos que dá. É com alegria, diz-nos o Apóstolo, que levou a sua cruz, *proposito sibi gaudio*. Levou-a todos os dias de sua vida. A dor, diz-nos ele mesmo, está sempre comigo, *dolor meus in conspectu meo semper*. A vida de sofrimento que começou no seio de sua mãe, continua-a sem interrupção até o calvário.

Eis diante de nossos olhos esse adorável Menino; saiu da prisão do seio materno, mas para quê? Para gozar? É para sofrer mais. Para nascer, escolhe o coração do inverno, uma gruta aberta a todos os ventos e o meio da noite. Nasce em tal pobreza que não tem nem fogo para aquecer-se, nem panos suficientes para cobrir-se. *«Ó grande escola, o presépio!»*, exclama são Tomás de Vilanova.[2] Como o divino Menino em sua gruta nos ensina bem o amor dos sofrimentos!

Com efeito, nessa gruta, nesse presépio tudo é sofrimento. Sofrimento para a vista: só se veem pedras brutas e negras. Sofrimento para o ouvido: só se ouve a voz dos animais. Sofrimento para o olfato: só se respira o cheiro da palha suja e do esterco. Sofrimento para o tato: o presépio não é mais que uma manjedoura estreita, e o leito, um pouco de palha.[3] Vede este Deus menino pequeno, como deve sofrer, apertado em panos que não lhe permitem movimento algum!

Amável Salvador, não vos perguntarei mais por que vos condenais assim à imobilidade do berço; já mo dissestes: Quis ser atado em panos, para desatar o mundo das cadeias do pecado.[4] Eis por que santo Agostinho, transportado de reconhecimento, exclama:

> *Panos bem-aventurados, que quebrastes os nossos laços e apagastes as nossas imundícies!*[5]

Sei também, querido Menino, por que tremeis de frio e por que chorais. Fazeis-me compreender que sofreis e que ofereceis a vosso Pai as vossas primeiras lágrimas e as vossas primeiras queixas, para me livrar do pranto e dos gemidos eternos, justo castigo de minhas faltas. *«Ó lágrimas bem-aventuradas!»*, direi, pois, com são Tomás de Vilanova, *«que lavais as nossas iniquidades e nos obtendes as alegrias do paraíso!»*[6]

Às penas e privações de todo gênero, consequências naturais da pobreza, juntam-se para o Menino Jesus sofrimentos vindos de fora. Fraco e desprovido de tudo, é obrigado a fugir precipitadamente para o Egito, para escapar às mãos de Herodes. Só conheceremos no dia do Juízo tudo o que o divino Menino teve de sofrer nessa viagem e durante a estada, no meio de um povo grosseiramente idólatra. Vida de sofrimento em Belém; vida de sofrimento no Egito; vida de sofrimento em Nazaré, coroada por uma morte vergonhosa e cruel acima de todas: tal foi a carreira mortal do Verbo feito carne.

Nem vós, nem eu, nem homem algum sofreu tanto, e é com razão que o divino Menino nos diz: *«Attendei, e vede, se ha dor semelhante á minha dor.»*[7] Uma circunstância, que não se deve esquecer, torna a sua dor verdadeiramente incomparável. Sendo Deus, o Menino de Belém conhecia o futuro, como conhecia o presente e o passado. Esse conhecimento claro, infalível e sempre atual lhe fez sofrer, desde o seio de sua mãe, todas as penas de sua vida, todos os tormentos de sua Paixão: o sacrilégio e a traição de Judas, a flagelação, as zombarias de Herodes, a condenação de Pilatos, a coroação de espinhos, a crucificação, a agonia e a morte, bem como todas as injúrias e todos os ultrajes de que foi saciado.

Tal é a verdade que nos revela pela boca de Davi, seu antepassado: A minha dor, diz, está sempre diante de mim.[8] Nós sofremos dia a dia. Por dolorosa que seja, a vida só pesa sobre nós por um ponto, o presente. O passado já não é, o futuro nos escapa. Aos pobres doentes esconde-se o ferro que os deve fazer sofrer para lhes devolver a saúde; só no último momento se anuncia aos condenados a hora do suplício.

Por amor de nós, o Menino de Belém não quis nenhum desses mistérios. Longe disso, quis ter sempre diante dos olhos o drama funesto que devia terminar sua vida. De dia e de noite, a cada hora de sua existência, tinha presentes ao pensamento os açoites, os espinhos, os cravos, a cruz, que deviam fazer correr de suas veias até a última gota de seu sangue; as angústias de sua terna mãe, e esse mar de dores em que, sem consolação e abandonado de Deus e dos homens, devia ser engolido, ao soltar esse grito de inexprimível sofrimento: *«Deos meu, Deos meu, porque me desamparaste?»*[9]

Uma santa religiosa, a irmã Madalena Orsini, sofria havia muito tempo grandes tribulações. Um dia o Salvador lhe apareceu na cruz, para consolá-la com o espetáculo de sua Paixão e encorajá-la a sofrer com paciência. *«Mas, Senhor»*, disse-lhe a serva de Deus, *«só estivestes três horas na cruz, e eu estou nela há vários anos.» «Ignorante»*, respondeu-lhe o Salvador,

> *desde o primeiro instante em que estive no seio de minha mãe, sofri tudo o que devia sofrer durante a minha vida e na minha morte.*

No seio de Maria, o divino Menino teve a cruz impressa no espírito. *«Eis por que»*, diz um sábio doutor,

> *mal nasceu, o profeta Isaías o vê levando sobre os ombros o sinal de seu império, a cruz.*[10]

Procuremo-lo em Belém; sigamo-lo ao Egito; habitemos com ele Nazaré; acompanhemo-lo nas cidades e povoados da Palestina: sempre e em toda parte o acharemos na cruz.[11] *«Mesmo dormindo»*, acrescenta Belarmino, *«o coração de Jesus repousava sobre a cruz e sentia todas as suas dores.»*[12]

Pequena coroa: Divino Menino Jesus, que para a salvação do mundo quisestes nascer num estábulo e ser deitado numa manjedoura, sobre um pouco de palha: tende piedade de mim.

Maria e José, rogai ao Menino Jesus por mim.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo: como era no princípio, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

Jaculatória: Amemos o Menino de Belém, *amemus Puerum de Bethléem*.

Propósito: Não me queixar nos sofrimentos corporais.

Notas

[1] *Qui non bajulat crucem suam quotidie, non potest meus esse discipulus.* «E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo.» (Lc 14, 27.)

[2] *Magna cathedra præsepium illud.* «Grande cátedra é aquele presépio.»

[3] *In præsepe omnia sunt vilia, ingrata auditui, olfactui molesta, tactui dura et aspera.* «No presépio tudo é vil, desagradável ao ouvido, molesto ao olfato, duro e áspero ao tato.» (Salmeron.)

[4] *Patitur Deus pannis alligari, quod mundi venerat soluturus.* «Deus permite ser atado com panos, porque viera para soltar o mundo.» (S. Zenão.)

[5] *O felices panni, quibus peccatorum sordes extersimus.* «Ó panos felizes, com os quais limpamos as imundícies dos pecados.» (Sermão IX, *De tempore*.)

[6] *Felices lacrymæ, quibus nostræ obliterantur iniquitates.* «Lágrimas felizes, com que se apagam as nossas iniquidades.»

[7] *Attendite et videte si est dolor sicut dolor meus.* (Lm 1, 12.)

[8] *Dolor meus in conspectu meo semper.* (Sl 37, 18.)

[9] *Deus meus, Deus meus, respice in me; quare me dereliquisti?* (Sl 21, 1.)

[10] *Christus crucem etiam in ventre matris suæ impressam habuit, adeo ut vix natus principatum ejus super humerum ejus habere dicatur.* «Cristo teve a cruz impressa mesmo no ventre de sua mãe, a tal ponto que, mal nascido, se diz que traz o seu principado sobre o ombro.» (Novarino.)

[11] *Domine, nusquam te inveniam, nisi in cruce.* «Senhor, não te encontrarei em parte alguma, senão na cruz.» (Drogo de Óstia.)

[12] *Crucem suam Christus semper ante oculos habuit. Quando dormiebat, cor vigilabat, nec ab intuitu crucis vacuum erat.* «Cristo teve sempre a sua cruz diante dos olhos. Quando dormia, o coração velava, e jamais esteve vazio da visão da cruz.»

Revision #1
Created 23 November 2026 23:45:44 by Admin
Updated 23 November 2026 23:45:44 by Admin